

A NOITE MÍSTICA: SENDA DA VERDADEIRA FRATERNIDADE

Rodolfo Domenico Pizzinga
Ana Paula Magno Pinto

Homenagem ao Professor Francisco da Gama Caeiro, especialista em filosofia antoniana, falecido em 1914.

I — *Introdução*

Santo Antônio de Lisboa (Lisboa, 1190 — Pádua, 1231) é considerado o pensador mais importante da pré-escolástica Franciscana. O sentido fundamental da antropologia antoniana, segundo Maria Cândida Pacheco, é claramente otimista, abrangendo toda a Criação, e sua obra, cujo fundamento é a teoria criacionista, abrange, no seu desdobramento, Deus, o Mundo, o Homem e a Alma.

A passagem do homem na Terra não é resultado de uma queda; antes tem cariz estritamente ascensional, na qual, exclusivamente por esforço individual, elevar-se-á de sua condição inferior à plenitude divina. A obra de Santo Antônio, sua atividade de pregador apostólico e as funções docentes que exerceu demonstram cabalmente que seu pensamento integra-se no movimento místico ocidental.

Este trabalho pretende sucintamente revisitar alguns aspectos da noite mística de Santo Antônio e tentar demonstrar que só quando a liberdade interior é alcançada, a verdadeira fraternidade se manifesta.¹

II — *A Noite Mística de Santo Antônio*

A noite mística (noite negra ou noite obscura) da alma é o vestibular da ascensão mística. Em diversos sermões Santo Antônio referiu-se à “noite mística” como processo necessário à purificação e preparação da alma para atuar num plano mais elevado de consciência. Nesse sentido, o Santo referiu-se à “noite” como a obscuridade dos místicos — “mysticorum obscuritas”². A “noite” não tem, ordinariamente, a duração da noite física. A “noite” tem começo (conticínio), meio (meia-noite) e fim (aurora), e o tempo de duração é individual. Durante sua manifestação a “noite” tem e traz consequências terríveis, dentre as quais o Santo aponta: privação da luz da razão; o ser torna-se frágil e o conhecimento adequado de nada adianta; o eu interior fica em trevas, e o homem é tentado a tudo abandonar (“trevas da consciência”); “a claridade tentadora da prosperidade mundana entenebrece a alma e se transmuda em caligem da morte”; a noite é “um amplo campo de adversidade em que a alma anda às apalpadelas sem consciência de si mesma”³. A “noite” é, pois, uma etapa da reintegração do homem e a sua imaculada, cósmica e divina origem. E, nesse aprendizado, terá que eliminar a soberba do coração, a lascívia da carne, a avariza do mundo, a ira, a vanglória, a inveja e a gula, que compõem os sete pecados capitais.

O Conticínio (Conticinum)

É a primeira fase da “noite” em que tudo está silente. É a fase em que são satisfeitas as seduções blandiciosas da carne, “carnis suavia blandimenta”. O Santo ensina que para vencer as tentações próprias do conticínio é preciso: meditar sobre as iniquidades praticadas, considerar o exílio (e desejar ardentemente a reintegração) e contemplar o Criador.

Auxiliado pela razão e pela discrição, o principiante vai subindo, degrau por degrau, a escada da crucifixão. A razão “dominando os sentidos e esclarecendo (...) sobre o bom caminho”. Assim, derramando lágrimas, envergonhado, vexado e cabisbaixo vai o postulante trilhando a senda que levará à iluminação. Lentamente, os sentidos físicos e os apetites do corpo vão sendo dominados, e os “incipientes (fase do conticínio) passam para o estágio de aproveitantes (fase da meia-noite)”⁴.

Porém, no que concerne ao sofrimento moral, este vai se intensificando. É o reconhecimento tácito da queda, do afastamento da luz, do exílio de Deus, da consciência plena da ainda permanência nas trevas. É a angústia por desejar alcançar a Luz Maior, por desejar ardentemente realizar o Cristo interno e, em graça total, contemplar o Criador. É o desespero por ter, tenuemente, vislumbrado a possibilidade de se tornar uno com o Pai, o Deus de seu coração, e de não ter podido ainda realizar o sonho dos sonhos, a beleza das belezas, o máximo dos máximos. É uma dor lancinante. Um desespero sufocante. Um horror atemorizante. É a noite negra. É a crucificação individual. É o inferno interior. É a compreensão do exílio da vida. É o conticínio total.

A Meia-Noite (Media nox)

A segunda fase da noite obscura equivale para Santo Antônio,

ao período de luta espiritual em que a alma, vendo-se no exílio deste mundo, dele procura libertar-se... para, depois... poder chegar à contemplação de Deus e unir-se com Ele por amor.⁵

O aproveitante (aproveitado) já convencido da vaidade do erro, suplica cheio de fé, amor e esperança, força para suportar o exílio. À medida que acorda, recorda-se da vida antiga e, envergonhado, humilhado, sentindo-se desprezível, chora amargamente. É o pleno reconhecimento do erro. Nu, perante si mesmo e perante o Criador, confessa-se ao Deus de seu coração e clama por perdão. E perdoa aos que o perseguem e caluniam, aos que o aviltam e ofendem, aos que debocham, pois sabe que esses não o compreendem, mas que, inexoravelmente, um dia subirão também o primeiro degrau da “noite negra”. E compromete-se a, nessa hora, estar presente para ajudar no que for possível e permitido, para amparar em cada queda, para consolar quando a dor e a vergonha forem mais intensas. Esse é o verdadeiro sentido do perdão, da humildade, da fraternidade e do amor universal. É a tomada de consciência pelo aproveitante de que todos, em última instância, são unos com o Pai, ainda que exilados.

A Aurora (Aurora)

A aurora é o último estágio da “noite mística”. Santo Antônio assim o delinea:

É a infusão da graça divina.

A alma pôde... justificar-se ou tornar-se justa.

A alma se torna reta e ereta...

A aurora é o fim da noite e o princípio do dia.

Ela é a morte do justo, o fim da miséria e a entrada na beatitude...

É o último estágio da ascensão espiritual — o estado perfeito...

—... a alma sente-se agora invadida por indizível alegria.

É a contemplação do Criador.⁶

Como conclusão preliminar, pode-se simbolicamente deduzir e afirmar que a noite obscura é um processo de purgação (um verdadeiro batismo pela dor) que o homem tem indubitavelmente que passar para alcançar o Deus de sua compreensão e realizar o Cristo interior. O sol que pretende simbolizar o Sol da Graça a ser alcançada, com sua “claridade, brancura e calor”, ilumina a alma em contrição. É com a luz do sol — símbolo do Sol interior — das primeiras horas da manhã que são dissipadas as trevas da noite. É com o nascer do Sol místico que são dissipadas a superstição e a ignorância. E o ser purificado, limpo e perfeito, entra na posse do conhecimento de seu Criador.

Esse sol, depois de nascido, jamais se põe. Essa é uma afirmação feita por Santo Antônio e por todos aqueles que alcançaram a perfeição.

III — O Toque Místico

A ascensão espiritual, no conceito concebido por Santo Antônio, oriunda de atos próprios de aperfeiçoamento voluntário e que conduzem à união com Deus, impõe a participação ativa (e passiva quando conveniente) do homem, ao mesmo tempo que necessita da “colaboração divina...”, ou seja, o ‘toque’ (místico) constituído pela infusão da graça”. Nesse sentido, o homem necessita, e num dado momento de sua vida quer, salvar-se; mas “é incapaz de o conseguir por si próprio” e, assim, precisa do concurso divino.

O toque, segundo a doutrina antoniana,

... parece ser a expressão metafórica, como que materializada, da insuflação da graça divina para o efeito do aperfeiçoamento da alma e, mais concretamente, ou de um modo mais restrito, para o da sua união final com Deus e gozo que esta proporciona no cume da ascensão espiritual.⁷

O toque traz ao beneficiário vantagens muito amplas: “aqui, a visão possível e o gozo inefável de Deus; mais tarde, a glória celeste”. Mas, para alcançar o estado vibratório especial para que tal êxtase místico seja viável, o Santo português ensina que “esta graça... deve ser pedida em oração acompanhada de lágrimas, fonte de devoção e de amor”.

Outro aspecto extremamente interessante e relevante da doutrina mística antoniana é aquele que concerne ao recolhimento espiritual. Pelo recolhimento espiritual ou recolhimento interior (um dos pilares da ascensão mística), todas as reações objetivas e racionais tendem progressivamente a desaparecer, e a elevação da alma (“*mentis elevatione*”) passa a ser comandada pela graça de Deus. “Este o ‘toque místico’ divino da alma no cume da contemplação”⁸.

O testemunho da própria experiência de Santo Antônio ensina que a alma que alcança este especial estado vibratório, e é “tocada” por Deus, desprezará toda e qualquer honraria, toda e qualquer glória e pompa deste mundo. E as delícias e o prazer místico que tal estado proporciona, provocam uma ânsia espiritual progressiva, aumentando o desejo de as desfrutar.

Entfim, o Santo luso entende que qualquer esforço pessoal do homem como aspirante à ascensão de sua alma será frustrado se não tiver o concurso de Deus. Entretanto, para merecer tal bênção, é imperativo e mesmo fundamental que o homem se dispa da vaidade e do rancor, lave seu corpo com as lágrimas do arrependimento confesso na dor, na vergonha e na aflição, perdoe antes para merecer só então o rogado perdão e ame a todos indistintamente

para alcançar a possibilidade de penetrar no raio da esfera mais próxima da contemplação e compreensão de Deus.

Ai, então, em estado de recolhimento interior, despido das vestes materiais, puro e belo, perante o Deus de seu coração, o homem será tocado e elevado. É a sua mais alta graduação, onde o grau lhe será conferido pelo toque místico do amor de Deus. É o ômega da vida e o objeto final da humana existência.

IV — *Considerações Finais*

Santo Antônio foi um exemplo vivo de que a vida contemplativa não é incompatível com a vida ativa.

A obtenção, pela graça, segundo a doutrina mística antoniana, da possibilidade da visão de Deus, ou até da sensação interior de tê-lo alcançado, obriga o místico que consegue essa especial e elevada harmonização cósmica, ao retornar à vida ativa, a participar ativamente, com todas as suas forças, na evolução e progresso da humanidade. Na doutrina elaborada pelo Santo lisboeta não há lugar para o egoísmo, como, obviamente, não há em nenhuma doutrina espiritual autêntica.

Adoutrina espiritual de Santo Antônio de Lisboa baseia-se na humildade, no amor, na compaixão, na tolerância, na fraternidade, na caridade, na abstinência, entre outras tantas virtudes que o místico tem que permanentemente cultivar, para estar e se manter em perfeito equilíbrio e em plena harmonia com os padrões universais, que representam e correspondem a essas idéias-forças.

Ensina como alcançar o estado vibratório próprio para ver Deus, ou seja, entrar na posse do Deus de cada coração, do Deus do coração do aspirante.

Ensina, realisticamente, que o ápice da senda mística só será atingido pela renúncia, pela compreensão absoluta dos erros cometidos, pela purgação de cada falha, pela eliminação consciente e desejada de toda imperfeição. A ignorância tem que ser removida para que a luz possa brilhar.

E, nessa luta do neófito contra seus desejos inferiores, para merecer o privilégio de um dia poder estar na presença do Deus de seu entendimento, ele desce aos infernos em vida e penetra na noite negra da alma. É aí que se trava a mais dramática luta do homem. Por um lado, o desejo sincero de vencer o lobo interior, por outro, a fera interna acoçando todos os seus sentidos tentando derrotá-lo e arrastá-lo de novo à luxúria, à soberba, à hipocrisia da vida dissoluta de outrora. Mas ele sabe que, ou vence a tentação que lhe é imposta, e vencendo merece o privilégio de ser misticamente tocado e torna-se um ser realizado, um ser perfeito, ou vacila, e... afasta-se do Deus interior de sua compreensão. É uma luta dura, amarga e, aparentemente, desigual e sem perspectiva de vitória. O homem se vê por inteiro, nu, com todas as suas fraquezas, com todas as suas mazelas. Chora de dor, de vergonha, prefere até

desistir a ter que admitir tanta desgraça sob sua responsabilidade. Desiste, mesmo temporariamente. Cai. Levanta. Recomeça.

Todavia, se vencer (e um dia vencerá) torna-se uno com o Pai. Ah! Bendita unidade! Pois é aceito com todas as fraquezas do passado. O esforço sincero empreendido para alcançar a luz perfeita e a harmonia imaculada é recompensado pela compreensão, pela bondade e pelo amor do Deus do seu coração, que sempre o aguardou no santuário interno do seu ser, e que sempre o desejou de volta. Nesse instante o exílio termina. O filho retorna à casa paterna. A reintegração é operada. A alquimia interior está concluída. Deus e seu filho tornam-se unos, amalgamados, para toda a eternidade, pois o filho se realiza no Pai, e o Pai, no filho. Nesse momento, e só nesse momento, o homem será capaz de compreender o verdadeiro sentido da fraternidade. Nada, absolutamente nada, mais o separará de seus irmãos de jornada.

Mas enquanto a Aurora não chega, cada um de nós, reconhecendo os limites de seu próximo, e principalmente os seus, deve envidar todos os seus esforços e empenhar todo o seu conhecimento para que haja, perto de si e onde for possível, paz, harmonia, tolerância, compreensão, justiça, temperança e amor — condições essenciais para uma verdadeira fraternidade entre os homens.

Referências Bibliográficas

1. LOGOS ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE FILOSOFIA. Lisboa/São Paulo: Verbo, vol. 1, 1989, pp.300 a 305.
2. CAEIRO, Francisco da Gama. Santo Antônio de Lisboa (A espiritualidade antoniana). Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, Ltda., vol. II, tomo 1, 1969, p.129.
3. Op. cit., *passim*.
4. Op. cit., p.166.
5. Op. cit., pp.167 a 169.
6. Op. cit., pp.174 a 177.
7. Op. cit., p.194.
8. Op. cit., pp.222 a 224.